



José Romão Braz,  
presidente da direção da IACA

José Romão Leite Braz é licenciado em Engenharia e Gestão Industrial pelo Instituto Superior Técnico. Atualmente exerce as funções de vice-presidente do Grupo Finanças, que atua nos setores da indústria agroalimentar e turismo, e, entre outros cargos, desde 2018 é também presidente da direção da IACA - Associação Portuguesa dos Industriais de Alimentos Compostos para Animais. Foi nesta última qualidade que nos retratou o setor da indústria de alimentos compostos para animais, olhando para as cinco décadas que a Associação celebra e antevendo os desafios que se colocam nas próximas.

## “A indústria da alimentação animal é dos setores mais importantes no panorama agroalimentar

**Primeira e inevitável pergunta. Como começou a Associação?**

Em 50 anos a evolução foi enorme. Um passado de que nos orgulhamos, impensável quando a Indústria começou em finais dos anos 60. O único aspeto que podemos considerar como imutável, é a postura e determinação da IACA junto dos seus associados, em apoiar as empresas e defender os seus legítimos interesses, em Portugal ou a nível internacional. De resto

tudo mudou como o mundo e o ambiente socioeconómico em que nos movimentamos, os desafios e constrangimentos, a tecnologia de fabrico, a legislação, o mercado (...).

Em meados dos anos 60 do século passado, num contexto de condicionamento industrial e de matérias-primas comercializadas pelo Estado, em que os Grémios eram as estruturas representativas dos diferentes setores (agrícolas e agroalimentares), um conjunto de industriais

de então, liderados pelo Dr. Carlos Lebre, constituíram o Grémio Nacional dos Industriais dos Alimentos Compostos para Animais (GNIACA), em 1969. Com o 25 de abril, em 1974 e a extinção dos Grémios, evoluiu para a IACA - Associação Portuguesa dos Industriais de Alimentos Compostos para Animais.

Não é fácil sintetizar nestas linhas o que foi e é a IACA, o seu percurso ao longo de cinco décadas. Por isso vamos publicar um Livro de memórias (essencialmente fotográfico) para testemunhar o que de mais relevante se viveu na história da IACA, uma Associação que sempre se soube renovar e reinventar, para dar resposta aos desafios dos tempos, dos industriais aos mercados e consumidores.

**Com quantas empresas associadas conta? E como se caracterizam?**

Uma das características destes mercados tem a ver com uma relativa concentração da atividade, face a empresas que entretanto encerraram e outras que se fundiram, no sentido de criar dimensão. Mas temos empresas de todas as dimensões, tendo a fábrica média uma produção na ordem das 70 000 tons/ano. As 43 empresas de alimentos compostos representam 80% do mercado nacional, com uma produção na ordem dos 3.2 milhões de toneladas, a que se juntam mais 15 empresas de pré-misturas e de aditivos, um total de 58 associados.

Temos empresas mais vocacionadas para o chamado “mercado livre” e outras integradas, ou seja, para além dos alimentos compostos, têm a atividade pecuária associada. De resto a tendência hoje é para a contratualização da produção. A maioria das empresas tem uma produção multiespécie.

**Que volume de negócios representam?**

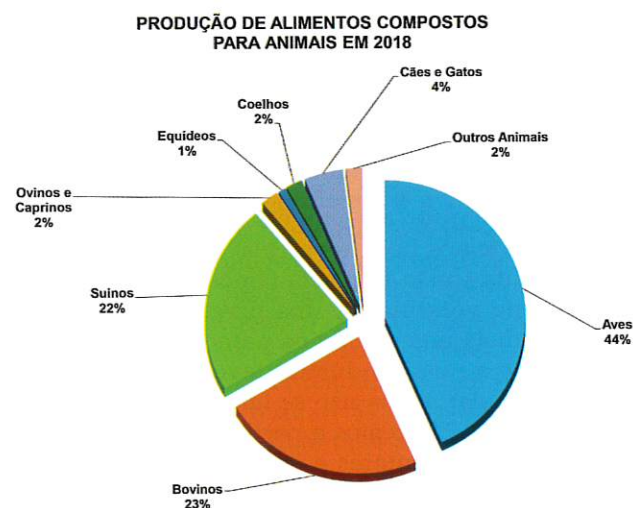
Com um volume de negócios de cerca de 1 426 milhões de euros, a indústria da alimentação animal é um dos setores mais importantes no panorama agroalimentar nacional, representando 12% do volume de negócios da agroindústria, influenciando, direta e indiretamente as indústrias de carnes e de laticínios. Com 111 empresas e 3 500 trabalhadores, é responsável por 1.2% do universo empresarial e 4% do volume de emprego do agroalimentar.

**Quais são os alimentos (compostos) mais produzidos em Portugal?**

Dos cerca de 4 milhões de toneladas de produção industrial (3.9 milhões se excluirmos os autoprodutores) que produzimos anualmente, de acordo com os dados

**“Os alimentos para aves são líderes de mercado, com peso superior a 40%.”**

da DGAV publicados recentemente - o que se saúda, uma vez que nos últimos anos todos utilizavam os nossos dados ou estimativas - os alimentos para aves são líderes de mercado, com um peso superior a 40%, seguindo-se os bovinos e suínos, com grande proximidade (23% e 22%, respetivamente) e os outros animais com 11%. Destes, destaque para os petfood (cães e gatos) que já têm quase 4% de quota de mercado, tendo vindo a substituir importação por produção nacional, o que é bastante importante.



**Como é que as indústrias têm evoluído?**

As indústrias têm-se adaptado à legislação e às exigências de mercado, investindo em tecnologia que lhes permitam a garantia de qualidade dos processos de fabrico, a redução de custos e ganhos de eficiência, num mercado fortemente concorrencial, com clientes cada vez mais exigentes, atentos aos desafios da segurança alimentar, da competitividade da pecuária, do ambiente e da sustentabilidade, investindo cada vez mais na alimentação de precisão.

**E as matérias-primas, têm mudado muito?**

Uma das alterações mais relevantes foi precisamente no aprovisionamento de matérias-primas. Das importações feitas pelo Estado, na altura a EPAC e o IAPO controlava este processo, o número de matérias-primas era muito >>>



Em 50 anos a evolução das indústrias foi enorme. À esquerda uma unidade com 55 anos. Em cima o exterior de uma fábrica moderna

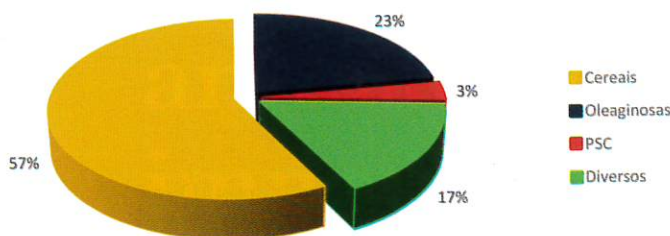
## “ O milho é uma matéria-prima determinante para esta indústria.

reduzido: cereais, sêmeas, algumas oleaginosas. Só em 1982, com a importação de mandioca, e em 1985, com o corn glúten feed, é que a Indústria tem acesso a matérias-primas alternativas. Nesta altura os cereais tinham um peso muito elevado, 60 a 70% no aprovisionamento do setor. Posteriormente, com o aumento das importações de PSC (Produtos Substitutos dos Cereais), os cereais perdem importância relativa, mas voltam a reconquistar esse peso com a reforma da PAC de 1992. Hoje temos um peso dos cereais, em média de 57%, com o milho a ser determinante, cerca de 70% do consumo do total de cereais.

Outra alteração importante teve a ver com a crise da BSE e a eliminação da utilização das farinhas de carne, que criou uma maior pressão para o consumo de soja e, mais tarde, com a indústria dos biocombustíveis, passámos a utilizar os coprodutos que permitiu reduzir alguma da dependência europeia em matéria de proteína.

Naturalmente que as exigências de qualidade aumentaram, temos hoje novos players no mercado, o alargamento da União Europeia também foi importante mas, a par da volatilidade dos preços e das tensões comerciais, duas notas que nos parecem relevantes: a primeira, que a nossa Indústria teve a sua génese na Economia Circular, ainda não se falava de bioeconomia e do desperdício. Nascemos a partir de coprodutos das indústrias agroalimentares e incorporamos hoje mais de 1/3 destes produtos que, de outro modo, seriam excedentes e um problema ambiental; a segunda nota, a de que a indústria continua a tentar diversificar as suas fontes e origens, para garantir maior eficiência à pecuária nacional.

Consumo Matérias-primas  
2018 (milhares toneladas)



**No caso dos cereais, que têm estado muito dinâmicos, de que forma é que a IACA tem interagido com a fileira?**

Infelizmente, no caso dos cereais vivemos uma conjuntura em que dependemos das importações em cerca de 80% e Portugal tem, atualmente, a área historicamente mais reduzida. A Indústria e os nossos associados têm a melhor relação institucional com os produtores de cereais e respetivas organizações, designadamente a ANPOC e ANPROMIS e juntamente com o INIAV criámos o Clube Português dos Cereais Forrageiros de Qualidade, cujo objetivo, com duas reuniões anuais, é facilitar o contacto entre compradores e vendedores, desenvolver variedades com interesse para o setor, quer nos cereais, quer nas oleaginosas e



## “ Fontes alternativas de proteína como os insetos e as algas vão ser muito importantes mas ainda precisam de ganhar escala e estabilidade nutricional.

proteaginosas. Temos participado nos Centros de Competências, quer no milho (InovMilho), quer nos cereais praganos (CEREALTECH).

Por outro lado, fomos auscultados no âmbito da Estratégia Nacional para a Promoção da Produção de Cereais, em que um dos objetivos é aumentar o grau de autoaprovisionamento, com várias medidas e uma aposta no conhecimento, na investigação e na inovação. Continuaremos a trabalhar para que o Plano seja cumprido e para que os cereais nacionais tenham a qualidade e competitividade suficientes para serem mais utilizados pela Indústria e possam ser valorizados a jusante, nos produtos nacionais de origem animal.

**Como é que a IACA encara a introdução dos insetos na alimentação animal?**

A Indústria da Alimentação Animal é aberta à inovação e sabemos que a proteína, em termos de disponibilidade e perfil de aminoácidos são desafios de hoje e continuarão a sê-lo. Decorre um debate na Europa sobre o Plano Europeu de Proteína, no qual se ligam um conjunto de questões em torno da dependência de fontes proteicas (Hipro) e que se cruzam com outros debates que têm a ver com a importação de soja, como a desflorestação, os OGM, a pegada de CO2, a sustentabilidade.

A questão é que essas fontes alternativas (insetos, algas...) vão ser muito importantes, mas precisam ainda de escala, de dimensão e de estabilidade nutricional para serem competitivas. Partindo do pressuposto de que a opinião pública vai ter uma posição favorável, pensamos que vai ser uma questão de tempo, mas talvez a alimentação humana possa ter um papel mais importante em termos de massificação do consumo.

**Qual é a importância da segurança alimentar para esta fileira?**

A segurança alimentar é fulcral para a nossa Indústria. O controlo rigoroso e permanente das matérias-primas utilizadas é o primeiro passo para garantir a segurança alimentar. Mas o esforço ocorre ao longo de todo o processo de fabrico e distribuição dos alimentos para animais.

Pela importância que a alimentação animal tem na produção pecuária, seja ao nível dos custos de produção, seja pelo impacto no manuseio, saúde e bem-estar animal, na qualidade e segurança dos produtos de origem animal, é fácil concluir que a competitividade da Fileira Pecuária depende, em grande parte da capacidade competitiva e da Qualidade dos produtos colocados no mercado pela nossa Indústria.

E porque esta é uma questão central, sem a qual não é possível estar no mercado, a IACA celebrou um Protocolo com a DGAV, em 2015, que arrancou em 2016, designado QUALIACA, para controlar as matérias-primas que chegam a Portugal, através dos Portos de Lisboa, Aveiro e Leixões, provenientes de Países Terceiros e que

## “ Não vai ser preciso abater vacas para reduzir as emissões de CO<sub>2</sub>.

constitui um complemento aos controlos oficiais. O objetivo é evitar que matérias-primas que eventualmente não cumpram as exigências ao nível de substâncias indesejáveis possam entrar na cadeia alimentar.

**Qual é hoje a preocupação destas indústrias em relação ao meio ambiente?**

Como indústrias responsáveis e com o objetivo de assegurar a sustentabilidade das nossas atividades é importante deixar claro que os temas das alterações climáticas, das emissões (...) que estão na ordem do dia, não são bandeira ou exclusivo de ninguém, pelo que o setor também se preocupa com estas questões e assumiremos os nossos compromissos de uma forma muito responsável. Para algumas organizações e ativistas, parece que a agricultura e o agroalimentar são os principais responsáveis pelas emissões, quando na realidade o maior impacto continua fora do setor agrícola. E quando consideramos a atividade agrícola e pecuária, os bovinos têm estado sob pressão. Temos todo um discurso demagógico e populista como se viu recentemente na discussão do RNC 2050 (Roteiro para a Neutralidade Carbónica) que foi um bom exemplo de como são precisas discussões sérias e metodologias realistas, que todos entendam. E não vai ser preciso abater vacas para reduzir as emissões de CO<sub>2</sub> como todos reconhecemos. Com uma alimentação de precisão, com novas tecnologias que já existem no mercado, »

Pub.

**SISTEMA DE PROTECCIÓN TOTAL**

# FORTETUB

**LÍDER POR NATURALEZA**

TUBO INVERNADERO PARA TODO TIPO DE PLANTAS - FOTOTEGRADABLE - DOBLE CAPA - MICROPERFORADO

**Fábrica de tubos invernadero, Mallas electrosoldadas, Tutores de madera y galvanizados**

21600 VALVERDE DEL CAMINO - HUELVA  
TEL. 0034 - 959 55 58 68 / 653 75 36 63  
E-mail: fortetub@fortetub.com

[www.fortetub.com](http://www.fortetub.com)

ISO 9001:2008  
Cert. nº: ES07/3672

iremos atingir os resultados e as metas, sem empobrecermos o País nos seus recursos e continuar a produzir carne e leite, melhorando os níveis de autoaprovisionamento.

Outra questão, muito urbana, tem a ver com o consumo de carne e a saúde. Todos sabemos que os excessos são sempre um risco, a carne também o é como os vegetais, mas estes produtos fazem falta na nossa alimentação, como é reconhecido na dieta mediterrânica.

Outras preocupações com o ambiente prendem-se com a sustentabilidade dos ecossistemas, pelo que temos no quadro da FEFAC, a nossa Federação Europeia, programas de sustentabilidade de matérias-primas, nomeadamente a compra de soja sustentável que correspondente a determinados critérios de produção, em termos de solo e práticas agrícolas, ambiente e questões sociais, nos EUA, Brasil e Argentina.

Para além deste programa, já foi definida uma ferramenta (o PEF) que permite medir e avaliar a pegada ambiental do setor. Já fizemos uma experiência piloto em Portugal (PEFMED) e vamos agora lançar este projeto nas empresas associadas.

Tudo isto é muito importante, mas não esquecer que os consumidores têm de valorizar todo este esforço na aquisição dos produtos e que os acordos comerciais que a União Europeia assina com tantos blocos comerciais, devem reconhecer estas práticas e exigir regras equivalentes.

#### A celebrar 50 anos, quais foram os principais marcos ao longo destas décadas?

Os primeiros tempos, de 1966 a 1975, foram de constituição da estrutura organizativa. Nos tempos conturbados do 25 de abril, com a instabilidade da altura, aconteceram muitas reuniões centradas nos Contratos Coletivos de Trabalho. Foram ainda anos de promoção dos alimentos compostos junto da pecuária.

O período de 1976 a 1986 foi essencialmente dedicado ao enquadramento institucional do setor e à luta pela liberalização do mercado das matérias-primas, fichas técnicas e o controlo de qualidade. Tempos em que se começava a preparar e analisar o impacto da adesão à então CEE, percebendo-se que era inevitável a abertura dos mercados. A concorrência era igualmente uma inevitabilidade, com a IACA a pugnar sempre por uma sã e leal concorrência.

De 1987 a 1999, tivemos todas as transformações decorrentes da integração num mercado europeu, com a aposta na informação, nas ligações a Bruxelas e à FEFAC, com grandes conquistas. Ainda neste período tivemos as crises alimentares e o setor ficou mais exposto, mas soubemos reagir.

A década seguinte, de 2000 a 2011, ainda ficaria marcada por algumas crises alimentares e a mudança de paradigma, com as medidas que resultaram do Livro Branco de Segurança Alimentar e, entre outras medidas, a criação da EFSA (Autoridade Europeia de Saúde Alimentar). É criada a DG SANTE e o setor passa a depender diretamente da saúde e defesa dos consumidores. Temos assim um conjunto de legislação bem mais restritiva que a da alimentação humana, nomeadamente ao nível de exigências de fabrico, registo e aprovações e na higiene, mas as empresas investiram, souberam adaptar-se, modernizaram-se, continuando



“ Fizemos um estudo de reputação do setor também para perceber como somos vistos pelos consumidores e pela sociedade. Em setembro daremos conta das principais conclusões (algumas surpreendentes). ”

a contribuir para a competitividade da pecuária, para a saúde e bem-estar animal, sendo determinantes na qualidade e segurança dos produtos de origem animal. Em 2008, iniciámos um novo ciclo com a substituição do então Secretário-Geral Luis Marques pelo Eng.<sup>o</sup> Jaime Piçarra, mas já em 2000 fomos pioneiros ao criarmos a figura da Comissão Executiva, configurando um novo modelo de organização.

A partir de 2012 continuámos a aposta em mais e melhores prestações de serviços, na reorganização da estrutura da Associação, e as duas últimas Direções têm apostados em iniciativas de carácter estrutural, como o alargamento da IACA, o QUALIACA, um novo Contrato Coletivo de Trabalho, ações de formação, reforço das parcerias e uma prioridade para as ações de comunicação, investigação, desenvolvimento e inovação. As relações internacionais, nomeadamente em Bruxelas, foram-se aprofundando, fomos ocupando cargos de relevo e em 2007 é eleito um Presidente português para a liderança da FEFAC, muito importante, na sequência dos representantes nesta estrutura, ao longo dos anos, para conquistar o lugar de prestígio que temos hoje.



### O que está a ser preparado para assinalar os 50 anos da IACA?

Já estamos a preparar estes 50 anos desde o final do ano passado e temos um conjunto de iniciativas ao longo do ano. Fizemos um estudo de reputação do setor para analisarmos o “estado da arte” e perceber como somos vistos pelos consumidores e pela sociedade. Em setembro daremos conta das principais conclusões (algumas são surpreendentes...) e o objetivo é ter uma estratégia de comunicação para ir ao encontro das principais preocupações dos consumidores.

Por outro lado, desde início do ano, assumimos uma parceria com o Fórum Estudante, com temas mensais na revista e no site sobre Alimentação Animal destinado a um público jovem e estudantes. No dia 16 de outubro, em 50 escolas de Norte a Sul do país, vamos ter o Dia da Alimentação Animal e a 4 de outubro, também com escolas e instituições, o Dia do Animal, mais virado para os cães e gatos. No dia 19 de setembro, nos 25 Anos da SPMA, vamos ter as VIII Jornadas de Alimentação Animal, em Fátima, com a temática dos Desafios Ambientais.

Finalmente, em outubro, no dia 24 e 25, acontecem em Lisboa importantes reuniões internacionais, no âmbito da FEFAC e na tarde/noite de 25 de outubro, o grande evento comemorativo dos 50 Anos, com uma

Conferência subordinada ao tema “Passado, Presente e Futuro: Uma Indústria preparada para os Desafios da Sociedade”, com dois momentos: várias intervenções sobre perceção e realidade, sustentabilidade e eficiência e uma mesa redonda, em que empresários, nacionais e estrangeiros, nos vão explicar como estão a preparar as empresas para os Desafios da Sociedade no horizonte 2030 ou 2050.

Segue-se um cocktail de boas-vindas e o Jantar comemorativo, em que vamos ter muitas surpresas, entre elas o Livro dos 50 Anos. Tudo isto, no Convento do Beato. Um evento no qual contamos com 300 participantes para a Conferência, praticamente esgotada e 500 pessoas no Jantar.

### O que é que o setor espera para Reforma da PAC pós 2020? Que papel tem tido a Associação junto das entidades oficiais?

A PAC é um dossier a que estamos diretamente ligados desde há muito tempo. Somos um setor que se posiciona entre a produção vegetal (necessidade de matérias-primas e na qualidade de principais clientes dos agricultores) e a produção animal, os destinatários. Para nós é importante que existam agricultores e agricultura na Europa e desde logo, a questão dos subsídios e a estabilidade de uma política que permita investimentos, evite o abandono e a desertificação do mundo rural e ter matérias-primas de proximidade é relevante. Por outro lado, temos a questão da competitividade e sustentabilidade da pecuária e aqui surgem questões ligadas também ao Desenvolvimento Rural, às ajudas ligadas para manter algum tipo de pecuária, a volatilidade dos preços e rendimentos, produzir mais

para reduzir importações, o funcionamento da cadeia alimentar e a renovação de gerações, o ambiente e o território. Tudo isto está enquadrado nesta nova PAC, que também é agroalimentar, saúde e bem-estar animal, que vai ter uma componente ambiental muito forte com a nova arquitetura verde e outras medidas.

Preocupa-nos o orçamento, sobretudo com a eventual saída do Reino Unido, e as prioridades da Comissão que se têm deslocado para outras políticas como a defesa ou as migrações. No entanto, as alterações climáticas são muito relevantes e um tema central na agenda europeia e mundial e por aí a agricultura estará nas agendas políticas. Precisamos de um orçamento à altura das ambições e os eventuais cortes podem ser prejudiciais a Portugal.

Todas estas preocupações e posições têm sido levadas ao Ministro da Agricultura e em Bruxelas, nos mais diferentes fóruns.

## “ Temos uma Visão 2030 muito clara, alinhada com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, assente em 3 pilares: Segurança Alimentar, Nutrição Animal e Sustentabilidade.

### Olhando para o futuro, quais são os desafios que se colocam à alimentação animal?

Vivemos hoje um contexto de instabilidade, decorrente de tensões comerciais e sociais. A crescente urbanização traz uma visão mais distorcida da realidade agrícola e do que fazemos, a abundância de comida (felizmente), a tendência para o veganismo, ser vegetariano ou flexitarian, outras e novas preocupações. A humanização dos animais ou a utilização de antibióticos colocam também desafios importantes. Fala-se de carne de laboratório, dos riscos das carnes vermelhas, os inimigos a abater são o sal, o açúcar e as gorduras, as redes sociais amplificam as mensagens e as inverdades, mas este é o mundo em que vivemos e às quais temos de dar respostas.

Temos assim uma Visão 2030 muito clara, alinhada com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, assente em 3 pilares: Segurança Alimentar, Nutrição Animal e Sustentabilidade. Temos de ser proativos e apresentar soluções e projetos para que legislador ou as organizações ambientais e de proteção dos animais não sejam fundamentalistas.

E felizmente que se reconhece que a alimentação animal pode ser parte da solução, com as inovações, nutricionais e de tecnologia.

Muito já foi feito e muitas vezes a reação do público é a de que ainda nada fizemos...há que continuar a trabalhar e a comunicar em termos de fileira, levando os decisores e esses movimentos a conhecerem melhor todos estes projetos. As portas estão abertas, sem nada a esconder porque temos certamente um importante papel a desempenhar na economia e na sociedade em Portugal. Sem excluir ninguém e trabalhando em conjunto, com a certeza de que vamos conseguir ganhar mais estes desafios. Temos de preparar o nosso Futuro. Ninguém o fará por nós.